

## A LÍNGUA DE VERA: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

### VERA'S LANGUAGE: THE LINGUISTIC PREJUDICE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Camila Ghizone de Oliveira<sup>1</sup>

Samira Casagrande<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por finalidade conhecer, por meio de uma pesquisa de campo, o preconceito linguístico enfrentado por Vera, em razão de trazer em sua fala traços de sua língua materna. Decidiu-se entrevistar uma menina de 11 anos, atualmente estudante do 6º ano do Ensino Fundamental, que durante anos vem sendo motivo de “zoações”, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade. Dessa forma, a partir de sua fala, percebeu-se que algumas pessoas que Vera tinha contato acreditavam que sua linguagem tinha “problema” e/ou “engraçada”. No entanto, a partir dos estudos realizados, pressupõe-se que Vera carrega consigo traços da linguagem da mãe, visto que possui características apreendidas no seio familiar. O estudo revelou que a vida de Vera se resume a monitorar-se linguisticamente diante de todos, como uma forma de tentar impedir o surgimento de possíveis preconceitos linguísticos. Tornou-se perceptível também que a sua vida e a de sua família simplificam-se ao fato de estarem no país de origem, mas viverem como estrangeiros, pois não são entendidos pelos demais e não possuem participação ativa na sociedade.

**Palavras-Chave:** Preconceito Linguístico. Língua Materna. Escola- Sociedade.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to understand the linguistic prejudice faced by Vera, through a case study, because she brings in her speech traces of her mother tongue. It was decided to interview an 11-year-old girl, currently a 6th-year primary school student, who has been mocked in both the school environment and society. Thus, from her speech, it was noticed that many people who had contact Vera believed that his language had "problem" and/or "funny". However, from the studies carried out, it is assumed that Vera has traces of the language of the mother, since she has learned some characteristics in her family. The study revealed that Vera's life summarizes into linguistically monitoring herself before any member of the as a way of trying to prevent the emergence of possible linguistic prejudices. It has also become apparent that her life and her family's life are simplified by being in the country of origin, but living as foreigners because they are not understood by others and they do not have active participation in society.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia – UNESCO – camila.oli2013@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia. Mestre em Educação – UNESCO – sca@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESCO

**Keywords:** Linguistic Prejudice. Mother Tongue. School- Society.

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em discutir sobre o preconceito linguístico enfrentado por Vera no ambiente escolar surgiu durante as observações do Estágio Supervisionado II – anos iniciais, em Morro da Fumaça, em que a aluna se comunicava de forma diferente dos demais e, por isso, era motivo de discriminações durante as aulas.

Este interesse se tornou ainda maior durante as aulas de Processos Pedagógicos da Língua Portuguesa, em que como um dos procedimentos metodológicos da disciplina, foi solicitada a leitura e desenvolvida a discussão do livro “A Língua de Eulália”, do autor Marcos Bagno (2014), que trazia para reflexão o preconceito linguístico sofrido por determinadas pessoas em razão de apresentarem uma linguagem diferente.

Foi nesse sentido que se decidiu realizar uma pesquisa de campo com esta menina de 11 anos, uma vez que a escolha do tema se deu à luz do livro “A Língua de Eulália”. Desse modo, resolveu nomear este artigo como “A Língua de Vera”, por entender as proximidades e distanciamentos que essa novela sociolinguística escrita por Marcos Bagno traz sobre as variações linguísticas deste imenso país chamado Brasil. Para preservar a ética, a menina entrevistada recebeu o nome fictício Vera.

Dessa forma, este artigo apresenta como problema: Quais as formas de preconceito linguístico enfrentado por Vera no ambiente escolar, por trazer na sua linguagem traços da sua língua materna?

Com base nas observações do Estágio, bem como na leitura do livro, as questões norteadoras surgem em torno de: O que é a língua materna? O que é e de que forma acontece o preconceito linguístico? Em que momentos e lugares na vida de Vera estes preconceitos linguísticos acontecem? Quais os desafios da língua materna encontrados na relação entre escola e sociedade?

Este tema objetiva, de modo geral, conhecer o preconceito linguístico enfrentado por Vera no ambiente escolar por trazer na sua linguagem traços da sua língua materna e, especificamente, compreender o que é a língua materna; analisar de que forma aconteceu e

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

acontece o preconceito linguístico e, ainda, verificar quais os desafios da língua materna encontrados na relação entre escola e sociedade.

Como procedimento metodológico, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com base nos autores Bagno (2003; 2014), Bagno; Stubbs e Gagné (2002), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Cagliari (1999), Coelho et al (2015), Koch (2015), Labov (2008), Mollica e Ferrarezi Junior (2015), Rebelo e Atalaia (1978) e Silva (2013), como também a análise do filme *Nell* (1994) e ainda uma entrevista semiestruturada com Vera, gravada com o auxílio de um dispositivo móvel.

Este artigo terá em seu desenvolvimento duas seções e duas subseções apresentados da seguinte forma: Seção 2: Como surge a linguagem; 2.1: O processo de aquisição da linguagem da criança através da influência do outro; Seção 3: Preconceito Linguístico; 3.1: Língua materna: a criança e a escola.

## 2 COMO SURGE A LINGUAGEM

Os primeiros sinais de linguagem surgiram na pré-história, no momento em que o homem buscou comunicar-se por meio de desenhos e marcas nas paredes, para que os outros conseguissem compreender suas mensagens. Dessa forma, a linguagem se desenvolve devido à necessidade de comunicação entre as pessoas.

Em razão de a linguagem surgir mediante a necessidade de comunicação e interação entre os falantes, Bagno; Stubbs e Gagné (2002, p. 24) discorrem que pensar a linguagem como um bem cultural e social “significa considerar a língua como uma *atividade social*, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes [...]”.

Dessa forma, uma língua enquanto atividade social é aquela desenvolvida para o outro e com o outro, considerando o fato de que se utiliza uma língua em qualquer atividade no decorrer do dia a dia, tornando-se ela uma atividade essencial para o contato com as outras pessoas em todos os momentos da vida.

Colaborando com esse pensamento, Rebelo e Atalaia (1978, p. 22) apontam que “a linguagem tem uma dupla função: *expressar e compreender* a informação recebida. Esta dupla função permite comunicar, isto é, receber e integrar e também transmitir”. Dessa forma,

a linguagem possui funções que permitem ao ser humano receber e dar as informações. Por outro lado, Silva (2013) comenta que uma língua não fornece apenas a transferência ou o recebimento de informações, sobretudo ela é a ponte pela qual perduram os relacionamentos entre as pessoas.

Para Koch (2015), podem existir diferentes concepções de linguagem, entretanto as principais dentre elas são três: na primeira concepção, a linguagem é vista por meio das representações, como um “espelho”, para a qual o homem utiliza a linguagem como um reflexo do seu conhecimento de mundo; a segunda considera a linguagem como uma “ferramenta”, nesta o ser humano se comunica por meio de mensagens para representar informações; a terceira é como forma de “lugar”, a linguagem é vista como uma atividade desenvolvida no meio social, acontecendo por meio das interações entre os membros de uma determinada comunidade.

Rebello e Atalaia (1978) relatam que o momento em que se estabelece a comunicação é carregado de valores afetivos, visto que são nesses processos que os falantes realizam trocas, dialogam sobre assuntos incomuns, pensamentos, valores, projetos e outros. Portanto a linguagem humana é repleta de bens culturais e sociais adquiridos pelo contato com os diversos significados atribuídos no decorrer da vida, uma vez que ela é o reflexo do que vimos e somos no mundo.

## 2.1 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA ATRAVÉS DA INFLUÊNCIA DO OUTRO

Diante dos fatos expressos anteriormente, a aquisição da linguagem pode ocorrer de diferentes formas, no entanto, à medida em que o processo de linguagem se desenvolve, torna-se necessária uma comunicação, em um meio social, eventualmente, se existir a ausência desse meio, o falante produzirá a sua própria forma de linguagem.

Quanto ao início do desenvolvimento da linguagem nas crianças, Wells (1981 *apud* BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002, p. 195) apresenta como sua principal temática que “[...] a conversação fornece o contexto natural do desenvolvimento da linguagem e que a criança aprende ao explorar o mundo pelas interações verbais que mantém com as outras pessoas”.

Diante disso, as conversas que as crianças mantêm com seus próximos é que contribuirá para potencializar a sua linguagem.

Diante dessa fala, a forma como a criança adquiriu esta linguagem foi por meio da interação com o outro. Mediante essa ideia, deve-se considerar que a família tem maior contato no início do seu desenvolvimento, tornando-se responsável pelos estímulos que a criança irá receber. Vale ressaltar que esses estímulos por parte da família são a sua própria linguagem, ou seja, a maneira como se comunicam com a criança.

Para Cagliari (1999), a criança aprende a falar por meio de um processo de aquisição entre as pessoas a que tem acesso. Nesse contexto, ela desenvolve suas primeiras palavras pela necessidade de aprender mais.

Dessa forma, basta pensar no fato de que, quando nos deparamos com alguma palavra desconhecida, no primeiro momento, esta não tem significado algum para nós. No entanto, quando se estabelecem outras relações, a palavra torna-se significativa, a tal ponto que se passa a utilizá-la.

Um fato importante para refletir mediante a aprendizagem da criança é que ela foi “[...] traçando o seu caminho, criando o que lhe era permitido fazer com a linguagem” (CAGLIARI, 1999, p. 17). Portanto, compreende-se que a criança desenvolve sua linguagem de acordo com as linguagens que encontrou e/ou precisou saber no decorrer da sua vida e é a partir desse contato que a criança passa a descobrir os caminhos da linguagem.

Em alguns casos, quando o falante, no processo de aquisição da linguagem, obtiver poucos estímulos sociais, pode ocorrer pouca comunicação e formas de expressão por parte do falante. Isso pode ser observado no filme “Nell” (1994), do diretor Michael Apted, que reflete o quanto o ser humano depende do convívio com as outras pessoas. A personagem do filme teve somente o convívio com a mãe, que tinha paralisia facial e foi essa a única referência linguística que Nell obteve.

Nell (1994) aprendeu a falar com uma pessoa que não pronunciava as palavras claramente. Assim, a garota desenvolveu a sua própria linguagem baseando-se nas falas da mãe. Posteriormente, quando um médico a encontrou, o primeiro pensamento era de que a garota seria “selvagem”, por não conseguir se comunicar e expressar de acordo com o padrão estabelecido pela sociedade.

Colaborando com esse pensamento, a autora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2009, p. 23) aborda que, a partir do momento em que “[...] observamos um diálogo entre mãe e filho, por exemplo, verificamos características linguísticas que marcam ambos os papéis”. É nesse momento que se torna visível o desenvolvimento da língua materna, ou seja, adquirida com os traços do outro no ambiente familiar, mediante a influência do outro no processo de aquisição da linguagem.

No entanto, Mollica e Ferrarezi Junior (2016) discutem que a língua materna não diz respeito somente à figura de linguagem da mãe, mas também é reflexo das línguas apreendidas no ambiente familiar e nas cenas dentro de casa desde a primeira infância da criança. Nesse sentido, apesar da mãe ser uma forte figura de aquisição da linguagem, a família também influencia neste processo.

Cagliari (1999, p. 19) afirma que “evidentemente, os pais e a comunidade de um modo geral zelam pelo desempenho linguístico de seus membros, porque lhes convém que cada um assuma seu papel na sociedade”.

Portanto, cumprir o seu papel na sociedade está ligado à comunicação entre as pessoas e, assim, há todo tipo de expressão de cidadania, sonhos, objetivos e muitas outras questões. Além-se ao fato de se auto perceber como sujeito falante da sua própria linguagem e do seu meio social.

### 3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico eventualmente passa a existir quando ocorre a intolerância com as diferentes formas de linguagem. Em relação a esse preconceito, Bagno (2003, p. 9) aponta que “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada[...] entre *língua* e *gramática normativa*.”, pois se passou acreditar na existência do certo ou errado na língua.

Colaborando com esse pensamento, Bortoni-Ricardo (2005) relata que estas diversas formas de linguagens não são certamente levadas em consideração, visto que a escola, por ter a responsabilidade de ensinar sobre a língua, muitas vezes tende a ensiná-la somente de forma culta e acaba vendo o diferente como algo defeituoso.

Para Bortoni-Ricardo (2005), o preconceito linguístico no Brasil se dá pelo desrespeito à língua materna, cuja essência se dá no lar, nas variedades da língua. Em razão disso, os oprimidos se tornam inseguros ao falar sua própria língua. Estes sentimentos de insegurança surgem na medida em que incorporarem-se aos falantes à prática “norma padrão”, isto é, a existência de uma única forma de linguagem.

Labov (2008) reconhece que esse padrão deve ser visto como uma tendência a regras entre os grupos de uma determinada comunidade, isto é, as regras de linguagem que os falantes utilizam entre si no momento de suas conversações tornam-se padrões linguísticos e sociais.

No entanto, uma grande parcela da população atém-se ao fato de que a linguagem padrão é aquela associada à gramática normativa, e é essa questão que regula o que é certo ou errado na língua. Sobre o certo e o errado, Bagno (2003, p. 124) diz:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é apreendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador [...].

Portanto, a visão que se tem sobre o erro em relação às diversas formas de linguagem torna-se desnecessária, visto que a aquisição da língua materna não é um saber adquirido sobre e para a prática de treinamento e/ou memorização, mas “[...] é *adquirida* pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite *materno*. ” (BAGNO, 2003, p. 124).

Dessa forma, é possível perceber em uma conversa com outras pessoas as diferenças existentes nas suas linguagens. Labov (2008, p. 221) reflete que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”. Portanto, a variedade que existe está ligada aos fatores externos e internos, ao modo de pensar e agir que um falante adquiriu durante sua vida.

Sob o mesmo ponto de vista, Cagliari (1999) aborda que, mediante o fato de que as pessoas aprendem a falar quando se encontram com outros, eventualmente estas pessoas falam como os seus semelhantes e, por isso, conseguem se entender.

Vale ressaltar que, caso a fala fosse individualmente de uma pessoa e, assim, cada qual falasse de forma que possibilitasse somente a si mesmo entender, ocasionalmente a linguagem não poderia existir na sociedade. Além de que, se o convívio entre as pessoas não fosse um fator influenciado pela necessidade de comunicação e a busca pela aprendizagem, a linguagem também não existiria.

Nesse contexto, vê-se que a criança tem a capacidade de entender as diferenças que existem, percebendo que a sua forma de falar não necessariamente é representada na escrita. Entretanto, é importante que nesse momento o respeito exista, não somente por parte do falante, mas também do ouvinte.

### 3.1 LÍNGUA MATERNA: A CRIANÇA E A ESCOLA

Se associarmos ao fato de que a criança trilhou o próprio caminho da linguagem por meio das suas relações, à medida que tiver contato com a escola, ela já possui suas formas de linguagem, o que tem ou não seu próprio significado, visto que não precisou de treinamentos específicos, “ela simplesmente se encontrou no meio de pessoas que falavam e aprendeu.” (CAGLIARI, 1999, p. 17).

A partir do momento que uma criança entra no ambiente escolar, ela chega carregada de valores sociais até então adquiridos e, assim, com a linguagem desenvolvida da sua comunidade, ocasionalmente traz consigo um dialeto diferente. Cagliari (1999) relata que pode ocorrer discriminação por parte daqueles que frequentam o ambiente e, assim, na maioria das vezes tudo se torna trágico.

Cagliari (1999, p. 20) ainda aponta que, diante dessas situações “tudo o que ela conquistou até aquele momento será completamente ignorado, embora a escola possa dizer que está partindo do conhecimento de sua realidade”. No entanto, percebe-se que não está sendo levada em consideração a realidade da sua linguagem, ou seja, aquela que até o momento os seus pais e a comunidade zelaram e contribuíram para tal atribuição.

Diante de tais discriminações, a criança percebe o preconceito que existe com relação “ao seu modo de falar, andar, vestir, agir, pensar, que no fundo será avaliado por isso.” (CAGLIARI, 1999, p. 20). Nesse sentido, os alunos são avaliados ao falarem um dialeto

diferente do padrão estabelecido e, eventualmente, sofrem tais preconceitos por serem diferentes.

Com relação aos estudos da língua portuguesa em sala de aula, Cagliari (1999) traz o seguinte levantamento: “[...] o que é ensinar o português para pessoas que já sabem o português?”. Sabe-se que apesar da necessidade de as crianças conhecerem o padrão comum da língua, elas já possuem a sua própria linguagem que, muitas vezes, não é levada em consideração e, ocasionalmente, são tratadas como crianças portadoras de dificuldades ou necessidades linguísticas.

Por conseguinte, passa a existir a necessidade de mostrar aos alunos a existência de diferentes dialetos e, ainda, o comportamento que cada um deve ter perante as diferenças.

De acordo com os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p. 21) “o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito às diferenças.”

Desse modo, este preconceito muitas vezes surge no ambiente escolar, quando o erro se torna o foco principal para o julgamento. Uma fala considerada “errada” para muitos alunos é motivo de insegurança e incompetência.

Ainda de acordo com os PCNs Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), as práticas de ensino devem estar voltadas para que os alunos conheçam e respeitem as diferentes linguagens, a fim de que ainda possa se tornar sujeito crítico no combate a esse preconceito, ou seja, que o aluno consiga analisar ativamente as diferenças, ponderando os valores que nela existem.

Assim sendo, as linguagens dos educandos devem ser observadas e tratadas com devido respeito, voltando-se o olhar sobre as influências que o falante teve no processo de aquisição da linguagem, desde o início de sua vida, uma vez que a criança traz consigo traços da sua linguagem familiar e/ou da comunidade.

E ainda, o ambiente escolar é o local mais apropriado e possui a principal ferramenta para construir uma sociedade mais humanizada, que respeite as diferenças linguísticas, visto que são as diferenças que nos tornam únicos, mas ao mesmo, tempo socialmente ligados.

## 4 METODOLOGIA

Em relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa foi realizada a partir de duas etapas, sendo elas um estudo teórico e uma pesquisa de campo, estritamente qualitativa de natureza básica. Entendemos “por pesquisa a busca sistemática de solução de um problema ainda não resolvido ou resolvível, a considerar várias opções.” (BOAVENTURA, 2004, p. 55). E ainda, a “pesquisa coincide com a vontade de viver, de sobreviver, de mudar, de transformar, de recomeçar.” (DEMO, 2006, p. 40).

O objetivo desta pesquisa foi conhecer o preconceito linguístico enfrentado por Vera no ambiente escolar por trazer na sua linguagem traços da sua língua materna.

O problema estudado é de cunho exploratório, por ter como “objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GIL, 1991, p. 45), visto que, à medida que será explorado, resultará na construção das hipóteses. A pesquisa também tem caráter descritivo, por possibilitar “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 1991, p. 46).

Com relação à segunda etapa desta pesquisa, ela foi desenvolvida por meio de um estudo de caso, tendo como sujeito uma menina de 11 anos que, no início deste projeto, era estudante do 5º ano, mas que, atualmente, estuda no 6º ano no Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, a qual herdou de sua mãe uma linguagem tipicamente familiar.

A entrevista se apresenta como semiestruturada, realizada em 1 (um) dia, sendo totalmente gravada por meio de um dispositivo móvel, com a presença da mãe na sua própria casa, localizada em um município da região da AMREC e, posteriormente, transcrita por esta pesquisadora. Para preservar o sigilo das informações, a entrevistada será identificada como Vera.

De acordo com Jacques e Bortot (2017, p.10) “ a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente [...] Para isso, o pesquisador poderá se utilizar dos seguintes instrumentos de pesquisa: observação, entrevista, questionário. ”

No entanto, no decorrer da entrevista, percebeu-se a necessidade de incluir alguns fatos relevantes relatados pela mãe de Vera. Vale ressaltar que, o foco principal desta pesquisa foi sobre o viés do preconceito linguístico sofrido por Vera.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Toda forma de preconceito é excludente e injusta, sem justificativa plausível que fundamente tal “violência simbólica”<sup>3</sup>. Nesse sentido, sentiu-se a necessidade de conhecer e compreender a realidade escolar da mãe de Vera, por entender que ela, por ser vítima de um preconceito linguístico, abandonou seus estudos no 4º ano do Ensino Fundamental e, por isso, investe na escolaridade de sua filha para que a história não venha a se repetir.

Diante disso, surge a pergunta para a mãe de Vera, a respeito do motivo real da sua desistência escolar. A mãe então descreveu que, naquela época, falava com mais dificuldades do que agora: *“quanto tinha a idade dela, nem zalava nada, até hoje o que eu não zeí eu não zalo. Um monte di coza que eu não zal. Na escola eu nem abia a boca, ainda iam de mim, e ai de mim ze eu abise a boca”*.

É perceptível na conversa com a mãe a dificuldade de se comunicar e de se fazer entender pela linguagem. Assim, para evitar novos sofrimentos, ela resolveu abandonar seus estudos após concluir o 4º ano do Ensino Fundamental, uma vez que a sua continuidade dependia da troca de escola.

Com relação ao abandono escolar, originado pelo preconceito linguístico, Bagno (2014) explica que, à medida que expõem os alunos à inclusão de uma língua única e perfeita, aqueles que trazem consigo formas diferentes de linguagem sentem-se fracassados e, assim, acabam abandonando seus estudos, por serem desprezadas e, principalmente, por não serem reconhecidas como seres com direitos e deveres na sociedade.

Portanto, Bagno (2014) ainda argumenta que em casos como o da mãe de Vera, as escolas enxergam o aluno como “deficiente” linguístico, como se esse não tivesse língua

---

<sup>3</sup> Violência simbólica: teoria desenvolvida por Bourdieu e Passeron, que “buscam explicitar a ação pedagógica como imposição arbitrária da cultura dos grupos dominantes aos grupos dominados. Essa imposição, para se exercer, implica necessariamente a autoridade pedagógica” (SAVIANI, 2012, p. 18).

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

alguma, tornando-o um ser inferior. Os resultados, na maioria das vezes, são que os professores se sentem desestimulados a ensinar e os alunos desanimados com o aprender.

Com isso, é possível refletir que tais razões sobre o abandono escolar da mãe de Vera possam estar relacionadas aos sentimentos de fracasso, medo, repressão e falta de estímulos. Evidentemente que ela “preferiu”<sup>4</sup> isolar-se dos estudos para que esses sentimentos não voltassem a acontecer. Entretanto, anos depois, sua filha Vera apresenta alguns traços semelhantes à linguagem da mãe.

Vera começa sua fala nos revelando que, quando pequena, percebia uma dificuldade muito grande de conversar e de ser entendida pelos outros e que ainda durante essas conversas, não conseguia dizer o nome de sua mãe, que era Vera, sendo que dizia “Varra”. Nesse caso, a alternativa encontrada por Vera foi, na ocasião em que perguntavam o nome de sua mãe, ela escrevia em um papel e mostrava para os demais. É importante mencionar que, assim como Vera não conseguia mencionar o nome da mãe, sua mãe ainda vive nos dias de hoje com medo de falar seu próprio nome.

Logo, os resultados obtidos na pesquisa evidenciaram que Vera traz em sua fala uma linguagem herdada pelo convívio diário com sua mãe. Chegou-se a esses resultados mediante estudos realizados neste trabalho de pesquisa, em que os autores consideram que estes primeiros contatos linguísticos por parte da criança, são a sua própria língua materna, isto é, aquela linguagem apreendida no ambiente doméstico.

Por outro lado, essa manifestação linguística apresentada por Vera foi retratada no filme *Nell* (1994), em que a personagem principal, Nell, aprendeu a falar um dialeto próprio com a sua mãe, que tinha uma paralisia facial. Importa saber que Nell e sua mãe moram sozinhas, afastadas de tudo e de todos. Dessa forma, em razão das dificuldades linguísticas da mãe, Nell carrega consigo as mesmas formas de linguagem. Com isso, traz-se para reflexão que, assim como Nell (1994), o primeiro contato de Vera foi com sua mãe e, por essa razão, ela carrega traços de algumas dificuldades linguísticas maternas.

Dessa forma, intui-se que tanto Nell (1994) quanto Vera não nasceram com dificuldades linguísticas, isto é, em suas falas, não apresentam diagnóstico genético, mas

---

<sup>4</sup> Grifo da autora da pesquisa, por acreditar que muito mais do que uma “preferência”, ela foi vítima de exclusão escolar.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, n°2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

desenvolveram sua linguagem através do contato diário com suas mães. Entretanto, para sociedade e escola, a sua forma de se comunicar acaba sendo considerada como um erro linguístico. Todavia, tanto o dialeto de Vera como de Nell (1994) não são um “problema”, mas uma forma de linguagem produzida no seio familiar.

Portanto, diante do fato de Vera ter como primeiros contatos a mãe e, assim, possuir uma dialeto diferente, observam-se na linguagem de Vera características de língua materna, isto é, “[...] às línguas aprendidas em ambientes domésticos, nas cenas de comunicação a partir da primeira infância.” (MOLLICA; FERRAREZI JUNIOR, 2016, p. 100). Do mesmo modo, Bagno (2003) salienta que uma linguagem é aprendida junto ao leite materno.

Nesse caso, a linguagem familiar de Vera possuiu um caráter diferente, ademais, Bagno (2003) defende a ideia de que não há problema em falar uma língua materna, visto que não se adquire com treinamentos, mas se desenvolve a partir do contato com o outro. E, assim, não se comete erros. Entretanto, percebe-se nas falas de Vera o quanto algumas pessoas resistem em acreditar que uma linguagem somente está correta se segue os “padrões” de uma língua única.

Esses padrões tornaram-se evidentes à medida que Vera sofre determinados preconceitos linguísticos, por não trazer consigo características diferentes e, ainda, a entrevistada salienta que denominam suas falas como “erros”.

Em razões desse “padrão” linguístico, Labov (2008) defende a ideia de que, nas diversas linguagens de uma sociedade, existem padrões de linguagem e não um único padrão, pois cada língua possui seu padrão, tendência ou regras que possibilitam aos falantes se entenderem durante suas conversações.

Dessa forma, se considerarmos a existência de padrões em diferentes linguagens, a língua de Vera deixa de ser vista como um erro, ou um problema, e torna-se o padrão dentro da sua própria linguagem, como também para os demais falantes que a reconhecem.

Infelizmente, Bagno (2003) relata que uma grande parcela da população se atém ao fato de que a linguagem padrão é aquela associada à gramática normativa e justamente é esse o motivo que denomina o certo e o errado na linguagem. Em decorrência, começam a surgir os preconceitos relacionados a ter uma linguagem diferente.

A história desse preconceito linguístico no contexto familiar de Vera teve início com sua mãe, no momento do abandono escolar. No entanto, atualmente, em suas idas à escola para as reuniões escolares, sente dificuldades de falar pelo medo e insegurança de surgirem olhares discriminatórios durante sua fala.

Observou-se que a mãe percebe os sofrimentos da filha e, neste caso, vendo o que tem passado, quando uma professora encaminha sua filha para a fonoaudióloga, ela encontra a saída para seus problemas: *“Eu só quero que ela não paze o que pazei”*.

Com o passar do tempo e com as idas à fonoaudióloga, em que a mãe muitas vezes participava também, a menina diz apresentar melhoras, mas diz que em muitos momentos pensa antes de falar, como, por exemplo, *“quando eu falava FERRNANDA, aí quando eu ia conversar com a minha amiga, eu pensava umas três, quatro ou cinco vezes antes de falar, para chegar nela e chamar o nome dela”*.

Com relação a essas mudanças, Bagno, Stubbs e Gagné (2002) dizem que uma língua não melhora ou progride, mas que obtém mudanças por meio do contato com outras pessoas. Dessa forma, intui-se que Vera não melhorou sua forma de falar, como ela mesma acredita ter melhorado, assim como a mãe não regrediu, mas, eventualmente, ocorreram mudanças na sua forma de linguagem.

Entretanto, apesar dessas mudanças acontecerem, Vera relata que, em muitas vezes, é necessário “pensar” antes de falar. Coelho et al (2015) atribui a esse sentimento o termo *“competência linguística do falante”*, que nada mais é do que o falante conseguir aprender outras formas de linguagem sem deixar de usar a forma que usava, ou seja, Vera pensa antes de falar, porque, apesar de ocorrerem mudanças, em algumas situações, ela ainda faz luz à sua língua materna.

Diante disso, intui-se que, à medida que Vera monitora-se ao falar com amigos, ela utiliza suas novas formas de linguagem, no entanto, percebe-se que o ato de se monitorar traz consigo automaticamente o pensamento da sua linguagem materna.

Ficou evidente que Vera carrega consigo tanto a linguagem da mãe quanto seus medos e os preconceitos sofridos por ela no ambiente escolar. Ademais, no início do ano de 2017,

Vera nos conta as aflições sentidas em razão da mudança de escola, visto que sua antiga escola oferecia somente até o 5º ano<sup>5</sup>.

Ao ouvi-las percebeu-se que a história volta a se repetir, mas o enredo tornou-se diferente por Vera ter uma personalidade diferente da mãe. No primeiro dia de aula, quando começaram a surgir tais preconceitos, Vera cogita sobre desistir ou tomar atitudes, sendo que, neste caso, com convicção, Vera parte em busca da resolução dos seus problemas.

Vera nos conta que sua primeira atitude é buscar soluções na direção da escola, no entanto, apesar de algumas ações serem feitas, nos dias atuais, acontecem as mesmas situações. Eventualmente, Vera nos conta que teve de conformar-se com as situações desagradáveis e viver sua vida. Enfatizando, ainda, que se apega ao fato de que a sua linguagem não é um erro e que os opressores fazem tais discriminações porque não a conhecem de verdade.

No entanto, Vera relata que não se sente bem quando começam a imitá-la. Ainda conta: *“um dia eu esta lá na frente com a mãe e algumas amigas passaram, e eu estava falando com a mãe – Ô mãe, vamos na Havan, então eles começaram a me imitar – Ô mãe, vamos na Havan comprar uma CACETEIRA (cafeteira). Nem eu sei falar como eles falaram, aí começaram a rir, se eu e a mãe nem tava falando daquele jeito, não sei quem inventou aquilo, eles tem que olhar para dentro deles e não para a gente”*.

Percebe-se que esses preconceitos linguísticos dificultam Vera interagir com os demais e, ainda, implicam na possibilidade de ser entendida. Com o passar do tempo, intui-se que esses preconceitos linguísticos tiveram como principal consequência o baixo rendimento escolar, sendo que se chegou a esse pensamento após observar o boletim escolar de Vera, em que suas notas eram notavelmente baixas.

Por consequência de tais atos de preconceito linguístico, Vera possui medo ao expressar-se e realizar perguntas, desse modo, o medo reflete posteriormente em suas dificuldades durante as leituras e interpretações de textos.

Diante de suas possíveis dificuldades no ato de ler, Vera carrega consigo um livro que sente o gosto de ler, intitulado “Um Garoto Estranho”, de Aristeo Foloni Junior. Nesse caso,

---

<sup>5</sup> A escola que oferecia a partir do 5º ano do Ensino Fundamental era a mesma que a mãe havia abandonado seus estudos anos atrás. Diferentemente da mãe, Vera prossegue seus estudos nesta escola.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

sobre o viés de observar melhor suas dificuldades de leitura, foi solicitado que Vera lesse um trecho deste livro.

O trecho escolhido por Vera para ler foi:

Paulo era um garoto diferente. Ao menos, era o que pensava de si mesmo perante os obstáculos do dia a dia. Uma cadeira de rodas o fazia sentir na pele que este mundo não era feito para ele. Ou seria ele que não era feito para este mundo? Paulo mal sabia que um único conceito o colocaria em igualdade perante todos: a CIDADANIA. (FOLONI JUNIOR, 2016, p.159).

Entende-se que, era justamente esta cidadania que Vera buscava com suas atitudes. Todavia, à luz do personagem do livro, Vera reflete que se sente diferente dos demais, mas não considera sua linguagem como um erro, citando: *“não é errado, é que tenho problema, a fala, não é como se eu não tivesse um braço ou uma perna, é só a fala, eu trocava o R, tipo quando era um R eu colocava dois RR e mais outras palavras.”* Mediante a leitura, observou-se a dificuldade de Vera durante o ato.

Corroborando com esse pensamento, Mollica e Ferrarezi Junior (2016) explicam que, diante de uma sociedade que critica qualquer linguagem diferente e, ainda, que possui um olhar avaliativo, acaba se colocando à prova a identidade do falante. Dessa forma, percebe-se que, nesses momentos de autorreflexão sobre a linguagem, Vera, por sentir tais preconceitos, não enxerga sua linguagem como uma herança, mas como uma dificuldade na fala.

No livro “A Língua de Eulália”, Bagno (2014) defende que a maneira como essas pessoas falam não é errada, no entanto, errada é a situação injusta em que estão inseridas. Analogicamente, observa-se que a língua de Vera não é um “erro”, mas o erro está nas atitudes preconceituosas.

Apenas para exemplificar, Vera relata que, no meio social, à medida que conversa com os demais, com o seu modo de falar, principalmente com seus colegas no ambiente escolar. Nesse caso, Bagno (2014) conclui que não existe um problema linguístico de cada falante, mas um problema social.

Durante as aulas, seus professores, principalmente no primeiro contato, não conseguiam entendê-la. Diante dessas incompreensões, Vera explica que, à medida que sente dificuldade, chama a professora individualmente para maiores esclarecimentos, visto que não

fala na frente dos demais, porque *“senão eles iriam rirem de mim, porque se eu falasse uma palavrinha errada só, eles começavam a rir.”*

Em contraposição a esses fatos que vêm ocorrendo no ambiente escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais prezam que *“a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação [...]”* (BRASIL, 1997, p. 26).

Nesse caso, pressupõe-se que, se o ambiente escolar olhasse pelo prisma das diferentes formas de utilização e das variáveis linguísticas, a língua de Vera seria, assim como qualquer outra língua, diferente por suas peculiaridades. Ocasionalmente, Vera, diante das aceitações de suas peculiaridades, sentir-se-ia estimulada ao aprender, pois se estaria considerando sua linguagem e, ainda, possibilitando maneiras de conhecer uma linguagem, a qual aprenderá e levará para maiores formalidades.

Torna-se evidente a necessidade de não haver julgamento quanto à linguagem do outro. No entanto, o que acontece com Vera é que esses julgamentos estão correlacionados nas correções, tanto pelos alunos quanto pelos professores e explica que tais atitudes a deixam com vergonha, entre outros sentimentos. Em casos como este, Silva (2013) defende que, diante de tais atitudes de correções, estar-se-á discriminando uma família/comunidade inteira. Eventualmente, a mãe de Vera nos relata que sua filha volta para casa aos prantos, devido aos preconceitos linguísticos sofridos, em meio a tantos sentimentos.

Percebem-se essas ações um tanto discriminatórias durante o ditado escolar, em que Vera reflete *“era só palavra que eu não sabia, assim que eu não conseguia falar. Era ditado pro resto da turma, e um só pra mim, aí eu me ferrava porque eu colocava sempre os dois RR”*. Dessa forma, intui-se que Vera, em razão dessas atitudes, considera-se a única língua diferente da sala de aula, visto que há um ditado diferente para ela e, assim, levam-na ao desejo de tornar sua linguagem diferente, isto é, que sua linguagem seja aquela aceita pela sociedade.

Sob esse ponto de vista, tanto Cagliari (1999) quanto Bagno (2014) entendem que, muitas vezes, as escolas não consideram a realidade linguística da criança e, assim, interpretam que é preciso zerar e partir do começo ao ensiná-la, como se o que a criança aprendeu até o momento não significasse nada para o desenvolvimento dela. E ainda, acabam

valorizando as crianças que trouxeram consigo traços da linguagem estabelecida pela sociedade.

Diante dessa ideia, percebeu-se que, à medida que não se considerou a linguagem de Vera como ponto de partida e ainda se tratou sua linguagem como o “problema”, os preconceitos passaram a existir e, talvez, sem que a escola pudesse perceber.

No entanto, Bagno (2014) evidencia que, quanto à questão real do problema, não cabe somente à escola alterar seus métodos educativos, mas à sociedade como um todo buscar a plena transformação social em que vivemos. E para tal, observa-se que a escola é sim o primeiro caminho, visto que, na realidade de Vera, as maiores dificuldades estão a ela relacionadas.

Pressupõe-se que, muitas vezes, nos planos escolares, são pautados os conhecimentos prévios dos educandos como ponto de partida, no entanto, não consideram o conhecimento linguístico que a criança traz consigo.

Percebeu-se, então, que é no ambiente escolar que a maioria desses preconceitos linguísticos acontece. Eles ficam evidentes nas correções pelos professores, nas participações das reuniões escolares e, ainda, nas realizações dos ditados e atividades. Entretanto não são somente de formas visíveis, mas acontecem também no silêncio de Vera e nas relações com seus amigos.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como intuito conhecer, a partir de uma pesquisa de campo, os preconceitos linguísticos enfrentados por Vera por trazer em sua fala traços de sua língua materna.

Os dados coletados durante a entrevista semiestruturada permitiram observar que Vera, apesar de compreender que sua forma de linguagem não é errada ou problemática, não enxerga sua linguagem como uma herança da sua língua materna, mas que sua linguagem é diferente por ter dificuldades durante a fala. Por isso, pode-se inferir que tais pensamentos de Vera foram resultados dos preconceitos linguísticos que a incentivaram a constatar tal pensamento.

No entanto, diante dos estudos realizados, foi possível perceber que Vera possuía características de língua materna e que, assim como no filme *Nell* (1994), devido ao contato com a mãe, Vera carrega suas formas de linguagens.

Contudo compreende-se que o preconceito linguístico na vida de Vera passou a existir, no momento em que houve determinados julgamentos com relação a sua língua materna. Somado a isso, identificou-se, a partir das falas da entrevistada, que foi no ambiente escolar que aconteceram e acontecem a maior parte desses preconceitos linguísticos, tanto para Vera quanto para sua mãe.

Dessa forma, o preconceito linguístico está claramente expresso nos olhares avaliativos e, ainda, nas “zoações” com base na linguagem diferente do outro. Nesse caso, pressupõe-se que a vida de Vera se resume a monitorar-se linguisticamente para que o preconceito linguístico não venha a acontecer. Percebe-se, ainda, que as vidas de sua família se simplificam ao fato de que estão em um país em que nasceram, mas no qual vivem como se fossem estrangeiros, pois muitas vezes sua forma de linguagem não é entendida pelos demais.

Sugere-se, então, que as escolas conheçam a realidade linguística familiar dos educandos. Considerando-os como ponto de partida e, assim, possibilitando aos alunos o contato com diferentes linguagens, sem que possam deixar e/ou desconsiderar a sua língua materna. E ainda, a norma culta deve ter um lugar de destaque no ensino, no entanto, não quer dizer que deve ser a única.

Além dessas ações no ambiente escolar, recomenda-se que a sociedade reconheça a existência da pluralidade linguística, desconsiderando a existência do certo ou do errado, visto que essas são apenas palavras que ferem quando utilizadas de forma preconceituosa diante das diferentes formas de linguagem.

Pode-se inferir que as dificuldades escolares e/ou sociais que Vera tem e/ou teve não foram por conta de ter uma linguagem diferente, mas pela forma preconceituosa como a sociedade se comportou diante da sua linguagem, que a impediu de se expressar e, ainda, de buscar esclarecimentos sobre os novos conhecimentos.

Ao finalizar este trabalho, colocam-se outras possibilidades de estudo e temas a serem pesquisados: “o reflexo dos preconceitos linguísticos nas dificuldades de aprendizagem”, “a contribuição do docente para minimizar ou erradicar o preconceito linguístico” e, ainda, “o

abandono escolar resultante do preconceito linguístico”. Assim sendo, sinto-me instigada a pesquisar em futuros trabalhos de minha autoria ou por outras pessoas que se interessem por esta temática.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 216p.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 186p.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola, 2002. 245p.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004. 160p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994. 336 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009. 108p.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005. 263p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997. 144p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> >. Acesso em: 15 set 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1999. 191 p.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. – (Coleção para conhecer linguística).

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 120p.

FOLONI JUNIOR, Aristeo. **Garoto Estranho**. Blumenau, SC: Vale das Letras, 2016. 159p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159p.

JACQUES, Carolina da Graça; BORTOT, Guiomar da Rosa. A pesquisa científica: conceituação, finalidades e tipos de pesquisa. In: **Metodologia Científica e da Pesquisa EAD**. Criciúma: UNESC. 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 134p.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de: Marcos Bagno; M<sup>a</sup> Marta Pereira Sherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392p.

MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. 224p.

NELL. Direção: **Michael Apted. Estados Unidos**. 1994. (113 mim). Disponível em <<https://youtu.be/T5g7Yi1wxmY>>. Acesso em: 28 maio 2017.

REBELO, Dulce; ATALAIA, Lucinda. **Para o ensino e aprendizagem da língua materna: elementos de apoio a uma iniciação na escola primária**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978. 172p.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 5).

SILVA, Rita do Carmo Polli. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: InterSaberes, 2013. 245p.